

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS –UEA  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR –ENS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JACIRA DE MORAES FERNANDES**

**TRANSIÇÕES ESCOLARES DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA  
O FUNDAMENTAL II: EXPERIÊNCIAS E IMPACTOS NA APRENDIZAGEM DOS  
ESTUDANTES**

**MANAUS AM**

**2024**

**JACIRA DE MORAES FERNANDES**

**TRANSIÇÕES ESCOLARES DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA  
O FUNDAMENTAL II: EXPERIÊNCIAS E IMPACTOS NA APRENDIZAGEM DOS  
ESTUDANTES**

Monografia apresentada como requisito final para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA na Escola Normal Superior-ENS em Manaus.

Orientador: Prof. Doutor Márcio Gonçalves dos Santos

Manaus, 27 de julho de 2024.

**MANAUS-AM**

**2024**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

J12tt      Fernandes, Jacira de Moraes  
              TRANSIÇÕES ESCOLARES DE CRIANÇAS DO  
              ENSINO FUNDAMENTAL I PARA O  
              FUNDAMENTAL II: : EXPERIÊNCIAS E IMPACTOS  
              NA APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES / Jacira de  
              Moraes Fernandes. Manaus : [s.n], 2024.  
              46 f.: color.; 297 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.

Inclui bibliografia

Orientador: Santos, Márcio Gonçalves dos

1. Transições Escolares. 2. Aprendizagem. 3.  
Estudantes. 4. Práticas Pedagógicas. I. Santos, Márcio  
Gonçalves dos (Orient.). II. Universidade do Estado do  
Amazonas. III. TRANSIÇÕES ESCOLARES DE  
CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA O  
FUNDAMENTAL II:

Jacira de Moraes Fernandes

**TRANSIÇÕES ESCOLARES COM CRIANÇAS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL I PARA O FUNDAMENTAL II:**  
Experiências e impactos na aprendizagem dos estudantes

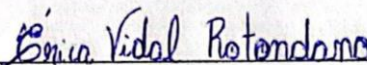
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Universidade do Estado do  
Amazonas, como parte das exigências  
para a obtenção do título de licenciado em  
Pedagogia.

Manaus, 27 de julho de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Márcio Gonçalves dos Santos  
Orientador- Universidade do Estado do Amazonas- UEA.



Prof. Dra. Érica Vidal Rotondano  
Membro da banca - Universidade do Estado do Amazonas- UEA.

Documento assinado digitalmente



KELLY CHRISTIANE SILVA DE SOUZA  
Data: 12/08/2024 14:47:56-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Kelly Christiane Silva de Souza  
Membro da banca - Universidade do Estado do Amazonas- UEA.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, de coração, primeiramente a Deus (porque sem ele nada pode ser feito) e a todos que foram essenciais na jornada da elaboração desta monografia, contribuindo de maneira significativa para a sua concretização.

À memória amorosa de meus pais, que, mesmo ausentes fisicamente, permanecem como fonte inesgotável de inspiração. Seus valores, ensinamentos e amor continuam a iluminar meu caminho, sendo a base de tudo que alcancei.

Ao meu amado marido, companheiro incansável nesta trajetória. Sua dedicação, abnegação, paciência e amor incondicional foram pilares fundamentais para superar os desafios e celebrar as conquistas. Sem você, esta jornada não teria o mesmo significado.

Às minhas filhas, fontes inesgotáveis de compreensão, amor e motivação. Suas presenças tornaram cada momento mais especial, e o apoio constante, de vocês, foi a força propulsora que impulsionou este trabalho.

Aos amigos, verdadeiros pilares de suporte e incentivo ao longo desta caminhada. Suas palavras de ânimo e compreensão foram como bálsamo nos momentos desafiadores, tornando o percurso mais leve e significativo.

Ao meu orientador, que com extrema paciência e cooperação guiou-me com maestria pelos intrincados caminhos da pesquisa. Suas orientações foram luzes que iluminaram o percurso, e sua cooperação foi vital para o desenvolvimento deste trabalho.

Expresso, assim, minha profunda gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta monografia. Cada um de vocês tem um lugar especial em meu coração, e este trabalho é, também, fruto do apoio, amor e compreensão que recebi, em minhas transições, ao longo dessa jornada. Muito obrigada.

**Resumo:** Este estudo aprofunda a compreensão das transições escolares no Ensino Fundamental, focando nas experiências dos estudantes e nos impactos dessas transições na aprendizagem. Observações no Programa de Residência Pedagógica destacam a importância das práticas pedagógicas e do apoio emocional. A pesquisa qualitativa, realizada principalmente em uma escola municipal de Manaus, utilizou uma metodologia baseada na perspectiva sócio-histórica a partir da construção de núcleos de significação e sentidos. Como instrumentos de coleta utilizamos a escrita de cartas pelos estudantes, às quais foram analisadas levando-se em conta suas experiências durante a transição escolar. Os resultados mostram que a amizade, a comunicação com professores, apoio familiar e adaptação ao ambiente escolar são cruciais para uma transição bem-sucedida. Discentes com maior suporte emocional e pedagógico adaptam-se melhor e têm uma experiência educacional mais positiva. O estudo sugere futuras pesquisas com amostras mais amplas e diversificadas, além de outros métodos, e destaca a importância de práticas pedagógicas que integrem o desenvolvimento acadêmico e emocional dos estudantes, contribuindo para um ambiente educacional mais acolhedor e eficaz.

**Palavras-chave:** Transições Escolares, Aprendizagem, Estudantes, Práticas Pedagógicas.

**Abstract:** This study deepens the understanding of school transitions in Elementary School, focusing on students' experiences and the impacts of these transitions on learning. Observations in the Pedagogical Residency Program highlight the importance of pedagogical practices and emotional support. The qualitative research, carried out mainly in a municipal school in Manaus, used a methodology based on a socio-historical perspective based on the construction of centers of meaning and meanings. As collection instruments, we used the writing of letters by students, which were analyzed taking into account their experiences during the school transition. The results show that friendship, communication with teachers, family support and adaptation to the school environment are crucial for a successful transition. Students with greater emotional and pedagogical support adapt better and have a more positive educational experience. The study suggests future research with broader and more diverse samples, in addition to other methods, and highlights the importance of pedagogical practices that integrate students' academic and emotional development, contributing to a more welcoming and effective educational environment.

**Keywords:** School Transitions, Learning, Students, Pedagogical

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 5  |
| <b>1 REFERENCIAL TEÓRICO: ABORDANDO OS ASPECTOS CONCEITUAIS DAS TRANSIÇÕES ESCOLARES</b> .....         | 8  |
| 1.1 TEORIA DE LEV VIGOTSKI.....  | 9  |
| 1.2 DESENVOLVIMENTO HUMANO E ACOMPANHAMENTO DAS TRANSIÇÕES ESCOLARES.....                              | 11 |
| 1.2.1. Desenvolvimento cognitivo, emocional e social .....   | 13 |
| 1.3 PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS DE TRANSIÇÃO ESCOLAR EM CONTEXTOS DIVERSOS: REFLEXÕES E APRENDIZADOS ..... | 16 |
| <b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....   | 22 |
| <b>3 NAVEGANDO AS ÁGUAS DA TRANSIÇÃO: RESULTADOS E REFLEXÕES SOBRE AS MUDANÇAS ESCOLARES</b> .....     | 28 |
| 3.1 As relações de amizade como redes de apoio na “nova” fase de desenvolvimento .....                 | 29 |
| 3.2 “Cada matéria um professor”: volume de disciplinas de o despertar do interesse .....               | 31 |
| 3.3 Convívio com os professores: expectativas e realidades .....                                       | 33 |
| 3.4 Adaptação ao novo ambiente escolar: enfrentando os desafios .....                                  | 34 |
| 3.4.1 Ancorando o futuro: propostas pedagógicas para uma transição escolar mais acolhedora.....        | 35 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 38 |
| REFERÊNCIAS.....   | 40 |
| APÊNDICES.....   | 42 |

## INTRODUÇÃO

A transição entre os anos do Ensino Fundamental é um período de mudanças significativas na vida acadêmica dos estudantes, envolvendo desafios, adaptações e relações sociais que podem influenciar diretamente sua aprendizagem. O problema central da pesquisa está na identificação e compreensão das dificuldades enfrentadas pelos estudantes ao transitar do 5º para o 6º ano, considerando aspectos emocionais e cognitivos dessa fase de desenvolvimento. A relevância deste estudo reside na necessidade de promover práticas pedagógicas que facilitem essa transição, minimizando impactos negativos e potencializando o desenvolvimento integral dos estudantes.

Investigar as experiências de transições escolares é uma jornada marcada por motivações profundas, que emergem de vivências pessoais e observações sensíveis sobre o impacto desses momentos na vida dos estudantes. A escolha deste tema é justificada pela observação empírica e pela experiência pessoal desta pesquisadora, tanto como mãe quanto como educadora em residência pedagógica. Ao longo das minhas vivências, pude acompanhar de perto minhas filhas durante suas transições entre séries, testemunhando o quanto ficavam emocionalmente ansiosas com essa passagem. Essa experiência íntima despertou em mim uma reflexão sobre a importância desses momentos de transição na trajetória educativa das crianças e adolescentes.

Durante o Programa de Residência Pedagógica, essa reflexão se aprofundou ao notar que as inquietações das minhas filhas não eram exclusivas delas, mas refletiam uma realidade mais ampla. Muitas crianças, algumas com um sólido apoio familiar e outras não, enfrentavam desafios emocionais significativos durante as transições entre séries. O que me chamou a atenção foi como essas inquietações emocionais muitas vezes se traduziam em expectativas negativas em relação à série seguinte, impactando diretamente seus processos de aprendizagem e desenvolvimento acadêmico. Essas vivências permitiram perceber as ansiedades e desafios enfrentados pelos educandos durante essas transições e a inexpressiva presença de uma condução assertiva tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

Investigar profundamente essas experiências é essencial para compreender a influência significativa que as transições podem ter na aprendizagem e no bem-estar

emocional dos estudantes. O impacto desses momentos transcende o âmbito acadêmico e molda atitudes, motivações e até mesmo o desempenho dos educandos. As transições, quando mal geridas, podem gerar ansiedade, medo do desconhecido e desmotivação para o aprendizado, afetando diretamente o engajamento e o desenvolvimento integral dos estudantes. Além disso, ao investigar as experiências de transições escolares, podemos identificar padrões e desafios comuns enfrentados pelos estudantes, permitindo o desenvolvimento de intervenções preventivas e estratégias de suporte mais direcionadas. Isso é especialmente relevante em contextos em que as transições são frequentes, como na transição do ensino fundamental ou na entrada em outros ciclos educacionais.

Para alcançar esse propósito, norteados por questões específicas, buscamos investigar as formas como as experiências durante as transições são percebidas pelos estudantes e como essas experiências se relacionam com seu desenvolvimento acadêmico e emocional. Assim, traçamos alguns objetivos para nos ajudar nessa compreensão. O objetivo geral da pesquisa é contribuir à análise relatando como as transições escolares impactam os estudantes do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos incluem: a) identificar os principais desafios enfrentados pelos estudantes durante a transição b) compreender as emoções e expectativas dos estudantes em relação as novas demandas acadêmicas e ao novo ambiente escolar; c) sugerir possíveis práticas pedagógicas que apoiem essas transições.

Ao delimitar nossa investigação a esse escopo, reconhecemos a importância de abordar não apenas os aspectos tangíveis, como mudanças de escola, professores e a construção de novos relacionamentos entre pares, mas também os aspectos subjetivos das transições escolares no Ensino Fundamental. Compreendendo e aprimorando esses momentos de transição, acreditamos que contribuiremos para um ambiente educacional mais favorável ao desenvolvimento integral dos educandos. Considerando que é fundamental estabelecer uma nova cultura escolar, reconfigurando tanto a estrutura quanto a abordagem pedagógica, especialmente no contexto da transição escolar no Ensino Fundamental, essa necessidade se relaciona diretamente com a temática.

Acreditamos que a adaptação da cultura escolar pode desempenhar um papel crucial na facilitação da transição dos estudantes entre os anos letivos. Além disso, a construção de uma cultura escolar mais sensível às questões emocionais dos

estudantes é essencial, impactando positivamente na aprendizagem e no desenvolvimento integral dos estudantes durante esse período de intensas mudanças.

Para investigar essas questões, a metodologia aplicada baseia-se na abordagem sócio-histórica de Vigotski, utilizando a análise de núcleos de significação em cartas escritas pelos estudantes. Essa escolha metodológica visa capturar as experiências subjetivas dos estudantes, permitindo uma análise significativa das suas vivências e emoções. Além disso, procuramos compreender as práticas pedagógicas e estratégias de apoio implementadas durante essas transições, visando identificar como podem ser aprimoradas. Pois, durante essa fase, a criança é instigada a romper com a identidade de "ser criança<sup>1</sup>/aluno" para lidar com os desafios e responsabilidades associados ao "ser adolescente/estudante".

Essa ruptura resulta em uma transição que pode desestabilizar o indivíduo, levando a uma percepção fragmentada e confusa de si mesmo. Nesse momento, a criança encontra-se em uma condição intermediária, sentindo-se "grande demais" para ser criança e "pequena demais" para ser uma adolescente propriamente dita. Surgem, assim, conflitos de identidade e pertencimento, juntamente com as mudanças físicas que transformam seus corpos, tornando-os estranhos diante do espelho. Esses sujeitos em desenvolvimento buscam intensamente pertencer a uma dessas realidades em transição.

Diante disso, este trabalho está organizado em três seções principais. Após esta introdução, a seção 1 aborda o referencial teórico, apresentando conceitos-chave relacionados às transições escolares e sua influência no processo educativo. Na seção 2, detalhamos a metodologia utilizada, descrevendo os procedimentos de coleta e análise de dados. A seção 3 apresenta os resultados e discussões, além de possíveis sugestões para futuras pesquisas. Por fim, nas considerações finais, destacamos as contribuições do estudo.

A cada idade corresponde uma forma de vida que tem valor, equilíbrio, coerência que merece ser respeitada e levada a sério; a cada idade correspondem problemas e conflitos reais (...), pois o tempo todo, ela (a criança) teve de enfrentar situações novas (...). Temos de incentivá-la a gostar da sua idade, a desfrutar do seu presente.

George Snyders

---

<sup>1</sup> A palavra "criança" será utilizada em toda a pesquisa, considerando a faixa etária pesquisada que de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que afirma no Art. 2º: "Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos[...]".

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO: ABORDANDO OS ASPECTOS CONCEITUAIS DAS TRANSIÇÕES ESCOLARES

O período de transição escolar é fundamental na trajetória educacional, promovendo mudanças significativas na vida acadêmica e emocional dos estudantes. Este capítulo se dedica à exploração de conceitos pertinentes a esse fenômeno, visando compreender suas implicações. Ao abordar esses conceitos, almejamos uma análise aprofundada e esclarecedora sobre a natureza desse processo. A transição escolar não se resume à transferência de séries/anos, escolas e/ou mudanças no quantitativo de docentes, mas abrange as adaptações cognitivas, sociais e emocionais necessárias para o enfrentamento de novos desafios em cada etapa do desenvolvimento.

No processo de construção desse referencial optamos, por trazer conceitos, definições e/ou características do termo transição, e para tanto, buscamos embasamento também em fontes como dicionários. O dicionário Houaiss, traz o seguinte significado etimológico para o termo transição: do “lat. transit(i)o,ōnis no sentido de ação de passar, passagem; qualquer mudança de fase de um sistema físico” (Houaiss, 2001). Nessa direção, no ambiente educacional, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma também que a transição,

Se caracteriza por mudanças pedagógicas na estrutura educacional, decorrentes principalmente da diferenciação dos componentes curriculares [...]. Realizar as necessárias adaptações e articulações, tanto no 5º quanto no 6º ano, para apoiar os alunos nesse processo de transição, pode evitar ruptura no processo de aprendizagem, garantindo-lhes maiores condições de sucesso (Brasil, 2018, p.55).

Essa caracterização ressalta as questões que envolvem as mudanças e a relevância de intervenções que considerem as particularidades desse período, contribuindo para a continuidade e eficácia do processo de ensino-aprendizagem. O apoio adequado, através de ajustes curriculares e estratégias específicas, que abordaremos mais adiante, pode ser crucial para a promoção do êxito acadêmico dos estudantes nessa fase de transição.

A legislação educacional brasileira, vigente, que consta na Resolução CNE/CEB nº 4/2010, no § 2º, do Art.18, afirma que,

A transição entre as etapas da Educação Básica e suas fases requer formas de articulação das dimensões orgânica e sequencial que

asseguem aos educandos, sem tensões e rupturas, a continuidade de seus processos de aprendizagem e desenvolvimento (Brasil, 2010).

A lei ressalta a importância de estratégias e políticas educacionais que promovam uma transição suave entre as diferentes fases da Educação Básica. Isso envolve abordagens que considerem não apenas a sequência lógica do currículo, mas também a integração harmoniosa dos aspectos orgânicos, como o desenvolvimento físico e emocional dos estudantes. A transição escolar, portanto, deve ser vista como um processo multidimensional, que vai além das mudanças acadêmicas para englobar as transformações pessoais e sociais que os alunos vivenciam.

Neste contexto, ao explorarmos esses conceitos e definições, compreendemos a transição como um período marcado por rupturas significativas, onde os estudantes enfrentam novos desafios e ajustes. Essas rupturas não são apenas acadêmicas, mas também emocionais e sociais, refletindo a complexidade do desenvolvimento da criança.

Nas páginas a seguir, aprofundaremos essa discussão à luz da teoria de Lev Vygotsky, que nos oferece uma perspectiva valiosa para entender como as interações sociais e o ambiente cultural influenciam o processo de transição. Enfatizando o papel fundamental das interações sociais e da mediação cultural no desenvolvimento cognitivo. Suas ideias nos ajudarão a analisar como as mudanças na escola podem ser interpretadas como oportunidades para um crescimento mais profundo e integrado.

Assim, exploraremos como seus conceitos podem iluminar as estratégias educacionais que facilitam uma transição mais fluida e eficaz para os estudantes.

## 1.1 TEORIA DE LEV VIGOTSKI

Para compreender a complexidade dessas mudanças e o que esses sujeitos vivenciam em termos de percepções emocionais e desenvolvimento social atrelados ao próprio desenvolvimento pessoal, direcionamos nosso olhar para teóricos relevantes. Iniciaremos com Vigotski<sup>2</sup>, que destaca a importância do aspecto emocional no desenvolvimento humano. Em sua perspectiva, "o aspecto emocional

---

<sup>2</sup> O nome de Lev Vigotski é frequentemente encontrado com variações na literatura. Neste trabalho, optaremos por padronizar a grafia utilizando "Vigotski" em todas as menções ao autor.

do indivíduo não tem menos importância do que outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade" (Vigotski, 2004, p. 146). Advoga assim pela integralidade do ser, argumentando que a educação deve considerar o componente emocional em paridade com as dimensões cognitivas e volitivas. Isso implica que as experiências emocionais dos estudantes durante as transições escolares desempenham um papel crucial em seu desenvolvimento acadêmico.

Dessa forma, notamos que o foco pedagógico desenvolvido pelo psicólogo bielorrusso, Lev Vigotski, se destaca pela priorização do avanço cognitivo dos estudantes por meio da interação social. Essa abordagem é conhecida como socioconstrutivismo ou sociointeracionismo devido à sua ênfase nesse aspecto. A compreensão do desenvolvimento da criança, segundo Vigotski, baseia-se em sua teoria fundamentada no materialismo histórico e dialético. Nessa perspectiva, percebemos que,

Ao falar em 'histórico', Vygotsky não se refere apenas a processos que ocorrem no nível macroscópico. Ele fala em filogenético para a espécie, histórico para o grupo cultural, ontogenético para o indivíduo. E podemos, usando um termo contemporâneo, falar em microgenético, referindo-nos justamente à sequência singular de processos e experiências vividos por cada sujeito específico (De La Taille; Oliveira; Dantas, 2019, p. 105).

Essa compreensão contextualiza sua abordagem no sociointeracionismo, onde Vigotski enfatiza a importância de considerar as interações sociais e as experiências individuais no desenvolvimento humano. Na perspectiva ontogenética, que se concentra no desenvolvimento individual, Vigotski destaca a importância de compreender os processos e experiências específicos vividos pelos sujeitos. No contexto da presente pesquisa, isso implica considerar as particularidades de cada indivíduo ao analisar o impacto da transição escolar.

Assim, pela ótica da ontogênese, que une o social e o genético, e mais precisamente do microgenético, temos uma lente valiosa para entender as transições escolares em um nível mais individualizado e singular. Acreditamos que, para termos uma compreensão ampla e macroscópica dos processos de transição escolar, precisamos antes compreender como se dá esse processo individualmente em um nível microscópico. Para alcançarmos esse intento, abordaremos o termo contemporâneo, microgenético, utilizado para explorar a sequência singular de processos e experiências vividos por sujeitos específicos.

Ao contrário das visões "macroscópicas" que examinam grandes contextos culturais, evolutivos ou históricos, a abordagem microgenética destaca-se por sua atenção aos detalhes e nuances das experiências individuais. É uma lente que permite observar de perto o desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental em um nível mais imediato.

Dentro do quadro teórico de Vigotski, a visão microgenética representa um progresso considerável na compreensão do desenvolvimento, focando, neste estudo, nas faixas etárias de 10 a 11 anos. Essa abordagem facilita uma análise mais minuciosa das interações em constante mudança entre o indivíduo e seu contexto educacional, destacando-se a dinâmica dessas relações em ambientes específicos de aprendizagem e crescimento. Ao adotar a perspectiva microgenética, como proposto por de La Taille, Oliveira e Dantas (2019), podemos explorar de forma mais refinada as trajetórias individuais e únicas de desenvolvimento de cada criança. Isso amplia nossa compreensão sobre como os processos de aprendizagem e desenvolvimento ocorrem de maneira singular para cada sujeito, levando em consideração suas experiências, habilidades, interesses e interações sociais.

A análise minuciosa possibilita a identificação de padrões de evolução, momentos de progresso e de estagnação, assim como dos fatores que têm impacto direto na trajetória de aprendizagem e desenvolvimento individual de cada criança. Para explorar esses padrões de evolução, aprofundaremos o desenvolvimento humano na faixa etária de 10 a 11 anos, destacando sua interação com as transições escolares e a relevância do acompanhamento nesse contexto.

## 1.2 DESENVOLVIMENTO HUMANO E ACOMPANHAMENTO DAS TRANSIÇÕES ESCOLARES

Ao explorar os aspectos do desenvolvimento humano, é fundamental considerar a dialética entre o singular, o particular e o universal, conforme destacado por Pasqualine e Asbahr (2019, p. 17). Esse enfoque, segundo esses autores, permite compreender os sentimentos como generalizações emocionais, ou seja, tipos mais estáveis de relação emocional do sujeito com a realidade, que se constituem como registros históricos das vivências sociais e culturais de cada indivíduo. Essa perspectiva é essencial para entender como as emoções e experiências vividas

influenciam a formação da identidade e o desenvolvimento cognitivo das crianças e adolescentes.

No contexto das transições escolares, a compreensão da teoria da periodização histórico-cultural do desenvolvimento humano é igualmente importante. Nessa teoria, cada fase da vida apresenta oportunidades únicas de transformação e crescimento, conforme apresentada por Pasqualine e Asbahr (2019, p. 18):

[...] cada fase não se limita a descrever ou retratar a realidade existente, mas aponta para as possibilidades de desenvolvimento humano omnilateral que podem ser alcançadas a cada nova idade. Trata-se de reconhecer a teoria da periodização histórico-cultural do desenvolvimento em sua dimensão de projeto de formação humana.

Nesse contexto, as interações sociais, as relações com pares e adultos significativos, e as experiências vivenciadas no ambiente escolar desempenham um papel crucial na construção do conhecimento e na formação da identidade. Isso nos leva a inferir que durante as transições escolares, os educadores devem estar atentos às necessidades emocionais, sociais e acadêmicas dos estudantes, oferecendo apoio emocional para lidar com as ansiedades e incertezas associadas às mudanças. Promover a integração social entre os colegas de classe e garantir uma transição suave e gradual no currículo e nas expectativas de aprendizagem são práticas essenciais para facilitar essa adaptação.

Considerando que entre os 10 e 11 anos, as crianças atravessam uma fase crucial de desenvolvimento, marcada pela interação de fatores cognitivos, sociais e culturais, é fundamental compreender como essas mudanças influenciam o processo educativo. Nesse período, os estudantes não apenas consolidam habilidades acadêmicas básicas, mas também desenvolvem competências sociais e emocionais que serão essenciais para sua vida futura. Para entender plenamente esse processo, é essencial considerar a perspectiva sócio-histórica proposta por Lev Vigotski. Vigotski destacou que as relações com colegas e adultos influenciam diretamente o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Um conceito fundamental introduzido por ele é a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)<sup>3</sup>, que indica o que a

---

<sup>3</sup> Estamos cientes das novas nomenclaturas para a ZDP, tais como: 'Espaço de Desenvolvimento Potencial (EDP)', 'Zona de Desenvolvimento Colaborativo' (ZDC) e 'Zona de Expansão Cognitiva' (ZEC) entre outras. Abordamos a nomenclatura ZDP, com base nos escritos de Vigotski, destacando a importância do diálogo com suas teorias.

criança pode fazer com o apoio de um adulto mais experiente ou em colaboração com companheiros mais capazes. Segundo Vigotski (1978, p. 58),

A ZDP é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da resolução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Identificar a ZDP de cada aluno durante as transições escolares guia as práticas pedagógicas, possibilitando desafios adequados e promovendo a aprendizagem colaborativa entre os pares. Vigotski enfatiza que a aprendizagem é um processo colaborativo e interativo, em que a interação com outros indivíduos é fundamental para a construção do conhecimento. Na faixa etária dos 10 aos 11 anos, as crianças expandem continuamente sua ZDP, buscando desafios que estimulem o avanço de suas habilidades cognitivas e sociais.

Portanto, ao aplicar esses princípios durante as transições escolares, os educadores não apenas facilitam a adaptação dos estudantes às mudanças, mas também criam um ambiente de aprendizagem que respeita e potencializa o desenvolvimento integral de cada indivíduo. Essas práticas promovem um aprendizado significativo e duradouro, permitindo que as crianças alcancem seu potencial máximo em um contexto social e culturalmente enriquecedor. A seguir, vamos explorar alguns desses aspectos do desenvolvimento, mostrando como o apoio emocional, a interação colaborativa e o estímulo adequado podem impactar positivamente o desenvolvimento nessa faixa etária.

### 1.2.1. Desenvolvimento cognitivo, emocional e social

Vigotski argumenta que o desenvolvimento cognitivo ocorre de forma mediada, ou seja, através das interações sociais e do uso de ferramentas culturais. Como ele expressa em suas palavras, afirmando que,

O desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra (Vigotski, 1978, p.51).

Assim, entre os 10 e 11 anos, as crianças estão em um estágio de transição crucial, momento em que consolidam habilidades cognitivas mais complexas, como o pensamento abstrato, a resolução de problemas e o raciocínio lógico. Esse período é caracterizado por uma metamorfose qualitativa, não sendo apenas uma progressão linear, mas sim uma mudança significativa na forma como a criança pensa, age e interage com o mundo ao seu redor. Essas habilidades são desenvolvidas através da participação em atividades escolares e sociais que desafiam seu entendimento e estimulam a construção de novos conhecimentos. Nesse sentido, é fundamental que haja um olhar atento e facilitador para acompanhar e promover o processo de desenvolvimento durante a fase de transição dentro e fora desse espaço.

Considerando que o desenvolvimento emocional está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento cognitivo e social. As emoções das crianças entre 10 e 11 anos são influenciadas pelas interações sociais, pelas expectativas culturais e pelas experiências vivenciadas no ambiente escolar e familiar. Vigotski acredita que,

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulação das reações pelo organismo (Vigotski, 2001, p. 119).

Assim, quando realizamos atividades com alegria, essa emoção positiva indica uma tendência de continuidade dessas atividades no futuro. Por outro lado, se realizamos algo com repulsa, é provável que busquemos interromper ou evitar essas ocupações posteriormente. Isso evidencia como as emoções influenciam diretamente nossas ações e decisões, orientando nosso comportamento de acordo com nossas experiências emocionais. No contexto específico das transições escolares, as emoções desempenham um papel significativo no desenvolvimento emocional dos estudantes.

As reações emocionais durante esse período podem impactar sua disposição para enfrentar desafios acadêmicos e sociais, bem como influenciar suas relações com colegas e professores e sua permanência ou não no ambiente escolar. Para que as transições sejam positivas é necessário compreender e lidar adequadamente com

as emoções dos discentes, sendo essencial promover um ambiente educacional saudável e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes. Em todas as faixas etárias, as crianças estão aprendendo a lidar com emoções, mas entre os 10 e 11 anos essas emoções ficam mais complexas, como a autoconsciência, a empatia e a regulação emocional. O apoio emocional dos adultos e o estabelecimento de relações afetivas positivas são fundamentais para o desenvolvimento emocional saudável das crianças.

As emoções desempenham um papel central no processo de aprendizagem na perspectiva de Vigotski. Emoções positivas, como motivação, curiosidade e interesse, impulsionam a busca pelo conhecimento e a participação ativa nas atividades escolares. Em contrapartida, emoções negativas, como ansiedade, medo ou frustração, podem interferir no processo de aprendizagem, prejudicando a atenção, a memória e a capacidade de resolver problemas. Portanto, é fundamental criar um ambiente educativo que promova emoções positivas e estimule a autoconfiança e a autonomia das crianças.

Vigotski destaca ainda, a importância das interações sociais no desenvolvimento das crianças. Ressaltando que,

[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam. As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas (Vigotski, 1991, p.59).

O aprendizado humano é intrinsecamente ligado à interação social e ao ambiente que cerca as crianças. Vigotski ressalta que a imitação desempenha um papel crucial nesse processo, permitindo que as crianças realizem atividades que ultrapassam suas capacidades individuais. Quando envolvidas em atividades coletivas ou sob a orientação de adultos, a imitação se torna uma ferramenta poderosa, ampliando significativamente suas habilidades. Esse aspecto é especialmente relevante durante as transições escolares, pois é nesse contexto que as crianças entram em contato com novas formas de aprendizado, interagindo com colegas e educadores que oferecem modelos e estímulos para seu desenvolvimento intelectual e social. Assim, a imitação não apenas facilita o aprendizado, mas também

abre caminho para uma participação mais ativa na vida intelectual, estimulando a descoberta e a conquista de novos conhecimentos em um ambiente mediado de cooperação e aprendizagem mútua.

Na faixa etária de 10 a 11 anos, as crianças estão aprimorando suas habilidades sociais, tais como cooperação, comunicação e resolução de conflitos. O ambiente escolar assume um papel crucial nesse processo, oferecendo oportunidades para interações com colegas e adultos, o que contribui para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e a construção de uma identidade social positiva. Assim, ao investigar a adaptação a novos ambientes, é relevante explorar como as teorias de Vigotski sobre interação social e aprendizado podem contribuir para a criação de ambientes acolhedores que facilitem a transição dos estudantes.

Isso implica considerar como os educadores podem fomentar a colaboração e a cooperação entre os estudantes, fortalecendo os laços interpessoais e promovendo o desenvolvimento emocional durante as mudanças escolares. Essa abordagem detalhada e contextualizada amplia a compreensão das implicações das teorias de Vigotski na prática educacional durante períodos de transição, oferecendo reflexões valiosas para educadores e pesquisadores comprometidos com o desenvolvimento integral dos educandos nessas fases de suma importância da educação.

### 1.3 PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS DE TRANSIÇÃO ESCOLAR EM CONTEXTOS DIVERSOS: REFLEXÕES E APRENDIZADOS

As investigações sobre a transição escolar têm sido um foco central de estudo tanto no Brasil quanto internacionalmente. Educadores e pesquisadores têm buscado compreender e aprimorar os processos de transição enfrentados pelos educandos ao longo de sua jornada educacional, reconhecendo que essas transições não são eventos isolados, mas sim momentos cruciais que impactam profundamente o desenvolvimento acadêmico, emocional e social dos estudantes. Ao examinar como diferentes localidades abordam essas questões, podemos observar uma diversidade de estratégias e práticas destinadas a facilitar a transição dos estudantes entre os diversos níveis de ensino, como a transição da educação infantil para o ensino fundamental I, desse para o ensino fundamental II e daí para o ensino médio.

É fundamental destacar que as abordagens adotadas variam consideravelmente conforme o contexto cultural, social, econômico e educacional de

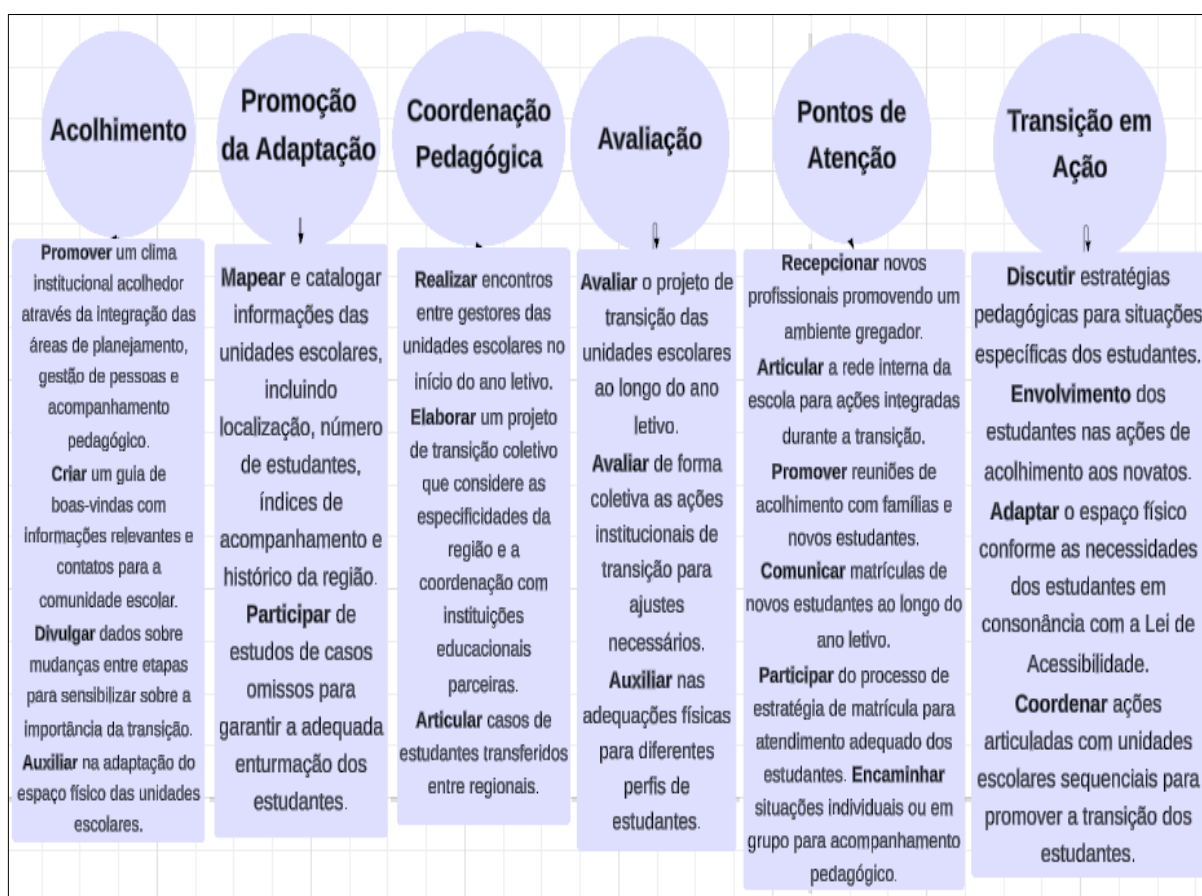
cada região ou país. Portanto, ao analisar essas abordagens, é importante considerar as nuances e especificidades de cada realidade, buscando aprender e adaptar ideias relevantes para aprimorar as práticas de transição escolar em nosso contexto local. Focando na análise das estratégias de transição escolar em alguns estados brasileiros, começamos pelo Distrito Federal - Brasília, onde são implementadas medidas para melhorar essa transição entre os níveis educacionais.

No ambiente educacional brasileiro, compreende-se que as transições não se restringem aos períodos de início e fim do ano letivo, mas ocorrem constantemente em diversas situações, como a entrada de novos estudantes, o retorno de alunos ausentes, a chegada de novos professores ou a saída de profissionais antigos (Distrito Federal, 2021, p. 9).

Essa abordagem abrangente reconhece que o processo educacional vai além do calendário escolar, sendo influenciado por eventos cotidianos que impactam a dinâmica escolar. Em Brasília, o currículo é fundamentado na pedagogia histórico-crítica, alinhando-se ao arcabouço teórico Vigotskiano, que enfatiza a importância da interação social e da zona de desenvolvimento proximal na aprendizagem dos estudantes. Assim, interações sociais acolhedoras são recomendadas para garantir uma transição suave dos estudantes durante a Educação Básica (Distrito Federal, 2021, p. 12).

As políticas educacionais em Brasília concentram-se em assegurar uma transição eficaz e suave, considerando as necessidades acadêmicas, emocionais e sociais dos discentes. Isso inclui programas de orientação e acolhimento, bem como diretrizes para que cada escola elabore seu próprio plano de transição, com foco em quatro áreas: acolhimento, coordenação pedagógica, adaptação e avaliação. Nesse contexto, destaco nos quadros abaixo, algumas práticas bem-sucedidas realizadas em escolas do DF, retiradas do Caderno de transição (Distrito Federal, 2021, p. 29-31). Essas práticas não se limitam apenas à transição dos estudantes, mas também englobam as transições de todos os envolvidos no processo educacional, reconhecendo que todos estão em constante mudança e adaptação em diversas esferas e perspectivas. O objetivo é minimizar o impacto das transições nos estudantes, os quais são mais vulneráveis, tornando o processo o mais acolhedor possível.

Quadro 1 – Práticas Gerais.



Fonte: Caderno de Transição, Distrito Federal, 2021.

É possível observar nesse quadro que é fundamental criar um ambiente acolhedor e adaptado às perspectivas individuais dos estudantes, envolvendo toda a comunidade escolar e valorizando suas visões e construções de sentido, inclusive na adaptação dos espaços físicos escolares.

A criação de um ambiente acolhedor não se limita apenas ao suporte emocional, mas também inclui a estruturação física das salas de aula e demais ambientes escolares de maneira que favoreçam a interação e o bem-estar dos estudantes. Quando os espaços são planejados visando promover a inclusão e o conforto, os estudantes se sentem mais seguros e motivados a participar das atividades escolares.

Além disso, a participação ativa de toda a comunidade escolar — incluindo professores, pais, funcionários e os próprios discentes — é essencial para construir um espaço educacional que reflita as necessidades e expectativas de todos. Essa abordagem permite que diferentes perspectivas sejam consideradas, enriquecendo o processo educativo e promovendo um senso de pertencimento entre os estudantes. Valorizar as construções de sentido dos estudantes significa reconhecer e respeitar

suas experiências, culturas e formas de ver o mundo. Isso pode ser feito por meio de práticas pedagógicas que incentivem a expressão individual e coletiva, como atividades artísticas, projetos colaborativos e discussões em grupo.

Quando os estudantes se sentem ouvidos e valorizados, sua confiança e engajamento com a aprendizagem aumentam significativamente. Para concretizar esses princípios em ações práticas, apresentamos, a seguir, um quadro de práticas específicas para o quinto ano.

Quadro 2 – Práticas específicas para turmas de 5º ano.

|  |  |
|--|--|
| <p><b>PROMOVER ENCONTROS E PALESTRAS, VIRTUAIS E/OU PRESENCIAIS,</b></p> <p>junto aos pais e/ou responsáveis, a fim de criar oportunidades para que possam conhecer a estrutura e as práticas pedagógicas da próxima etapa.</p>  | <p><b>FOMENTAR A PARTICIPAÇÃO DOS(AS) ESTUDANTES</b></p> <p>em processos sociais de representatividade, por exemplo, em eleições para representantes de turma.</p> |
| <p><b>POSSIBILITAR VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE CONHECIMENTO</b></p> <p>da realidade da etapa seguinte e/ou da nova escola, de forma a tornar o ambiente familiar: encontros com estudantes, visitas às salas de aula, rodas de conversa com os(as) professores(as), brincadeiras e outras atividades que possam ser propostas pelos(as) estudantes da próxima etapa, entre outras.</p> | <p><b>PROPOR ATIVIDADES</b></p> <p>com o uso de caneta e agenda, a fim de preparar o(a) estudante para as práticas com esses materiais na próxima etapa.</p>       |
| <p><b>MANTER A LUDICIDADE NA ROTINA PEDAGÓGICA,</b></p> <p>levando em consideração que a aquisição de novas responsabilidades por parte dos(as) estudantes não invalida o seu período de infância.</p>   |  |

Fonte: Caderno de Transição, Distrito Federal, 2021

Aqui, observamos que é fundamental levar em conta as particularidades de cada etapa do desenvolvimento do estudante e a colaboração de todos os envolvidos durante a transição. Pois conforme destacado por Koshino (2011, p.48 *apud* Distrito Federal, 2021, p. 44), a perspectiva de Vigotski,

[...] compreende a adolescência como uma fase de transição fundamental para o desenvolvimento humano. Ele não a vê como uma etapa natural entre a infância e a vida adulta, mas sim como um processo sócio-histórico-cultural, ou seja, de transição para a vida adulta. Tal processo é mediado pelos sentidos e significados que o adolescente atribui ao seu mundo, a partir da relação que ele estabelece com o meio e consigo mesmo. Esta relação é dialética, pois o homem se constrói, simultaneamente, ao construir sua realidade.

Essa perspectiva dialética ressalta como a construção da identidade e da realidade do adolescente é um processo contínuo e interativo, no qual ele se desenvolve ao mesmo tempo, em que contribui para a construção do ambiente ao seu redor. Esses conceitos são fundamentais ao discutir questões relacionadas às transições escolares de forma holística, considerando não apenas aspectos acadêmicos, mas também emocionais, sociais e culturais.

Em Brasília, a abordagem holística das transições escolares destaca a interação dinâmica entre o indivíduo e seu meio, reconhecendo que essas transições vão além do aspecto puramente acadêmico, influenciando a construção da identidade e das relações sociais dos adolescentes. Essa mesma visão se reflete em Curitiba, onde a transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II é encarada como um processo complexo que abrange aspectos emocionais, sociais e culturais.

A Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, em sua publicação "Ensino Fundamental: Proposições para a Transição do 5º para o 6º Ano no Município de Curitiba" (2015), destaca a necessidade de considerar essas dimensões durante esse período sensível. Dentro desse contexto, são feitas proposições específicas para tornar a transição mais suave, especialmente ao lidar com o medo do novo que muitos estudantes experimentam ao ingressar no 6º ano. Conforme destacado pela Secretaria,

A transição do estudante do 5º para o 6º ano traz muitos sentimentos e um deles muito visível a nossos olhos, o medo[...]. Além disso, há uma preocupação evidente dos pais em relação a essas mudanças, como a exigência de maior organização, rapidez para cumprir horários, autonomia, contato com vários professores e maior responsabilidade. Diante desses desafios, a escola tem o papel crucial de encontrar estratégias para ajudar os alunos a se adaptarem e enfrentarem essas novas demandas de forma positiva, garantindo uma transição eficaz e necessária para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes (Curitiba, 2015, p. 43).

Diante disso, a Secretaria de Educação de Curitiba propôs uma série de medidas para suavizar a transição do 5º para o 6º ano, reconhecendo os desafios emocionais e práticos enfrentados pelos estudantes nesse processo. A tabela abaixo destaca algumas dessas proposições, visando facilitar a adaptação dos estudantes do 6º ano e promover uma transição mais tranquila e produtiva:

Tabela 1- Ações da escola de acompanhamento da transição do estudante para o 6.º ano:

| PONTOS-CHAVE  | RESPONSABILIDADE DA ESCOLA  |
|---|---|
| <i>Insegurança dos pais com a mudança de etapa.</i>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>– Convidar os pais/responsáveis dos (as) estudantes do 6.º ano para uma reunião, a fim de que conheçam os professores e recebam orientações sobre a nova rotina.</li> <li>– Apresentar aos pais/responsáveis as mudanças que os filhos terão no plano físico, afetivo e social e firmar uma parceria entre pais/responsáveis e a escola.</li> </ul>  |
| <i>Novo ambiente – conhecer todos os espaços da escola.</i>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>– Mostrar as salas de aula, os laboratórios e outros espaços comuns, com antecipação. Fazer isso mais de uma vez para avançar na ambientação.</li> </ul>   |
| <i>Dúvidas quanto à organização das aulas das diferentes disciplinas da grade curricular e do sistema de avaliação.</i> | <ul style="list-style-type: none"> <li>– Apresentar os futuros professores e deixar que expliquem sobre seu componente curricular e as formas de avaliação.</li> <li>– Preparar dinâmicas entre estudantes iniciantes, no 6.º ano, com os colegas que já cursam o 7.º ano.</li> <li>– Aulas geminadas (os estudantes que chegam, no 6.º ano, estão acostumados com um tempo maior para desenvolver suas atividades).</li> </ul>   |
| <i>Organização do material didático, considerando as especificidades dos componentes curriculares.</i>                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>– Orientar quanto ao uso do horário de aulas e da agenda individual no 5.º ano.</li> <li>– Reforçar essa explicação no 6.º ano. – Adotar uma agenda coletiva (cartaz ou blog).</li> </ul>  |
| <i>Organização do espaço e tempo para estudos e realização de trabalhos.</i>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>– Institucionalizar o uso da agenda individual (caderneta).</li> <li>– Não solicitar muitas tarefas para o mesmo dia.</li> <li>– Organizar, com os pais/responsáveis e estudantes, um horário para estudos.</li> </ul>   |
| <i>Espaços de comunicação e o papel de cada profissional da escola.</i>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>– Eleger um aluno representante da classe.</li> <li>– Escolher um professor referência para a turma. – Incentivar o diálogo dos estudantes com professores, pedagogos e direção.</li> </ul>  |
| <i>Avaliação da aprendizagem nos diferentes componentes curriculares.</i>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>– Efetivar avaliação diagnóstica de tal forma que possibilite um maior conhecimento sobre o (a) estudante e a adequação das propostas de ensino às necessidades de aprendizagem da turma.</li> <li>– Orientar os professores para que agendem somente uma prova por dia durante o primeiro semestre.</li> <li>– Discutir o desempenho escolar dos estudantes dos 6.ºs anos com todos os professores em reuniões (hora-atividade/permanência, reuniões pedagógicas, conselho de classe).</li> <li>– Incentivar a troca de ideias sobre estratégias de ensino entre professores.</li> <li>– Encaminhar para sala de apoio à aprendizagem/apoio pedagógico, quando necessário.</li> </ul>   |
| <i>Relações sociais e afetivas próprias da adolescência e o impacto destas na aprendizagem.</i>                         | <ul style="list-style-type: none"> <li>– Orientar a escola quanto às questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem.</li> <li>– Formular mecanismos que possibilitem que o estudante compreenda a importância dos estudos e a sua responsabilidade nesse processo.</li> <li>– Estabelecer parceria com a família para o acompanhamento da aprendizagem.</li> </ul>   |
| <i>Documentação e acolhimento do (a) estudante.</i>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>– Organizar e enviar ao núcleo regional da educação a documentação referente aos atendimentos educacionais do (a) estudante.</li> <li>– Organizar a documentação referente aos atendimentos educacionais especializados dos (as) estudantes público-alvo da educação especial: Avaliação Diagnóstica Psicoeducacional – ADP, laudo médico, relatório de atendimento, plano de apoio pedagógico individualizado e parecer pedagógico da escola. Em seguida, enviar ao núcleo regional da educação de referência do município.</li> <li>– Instrumentalizar o secretário escolar quanto ao registro correto, no SERE, do diagnóstico do estudante, para dar continuidade ao atendimento educacional especializado e a apresentação do trabalho pedagógico, que</li> </ul> |

|   |
|---|
| é realizado no 5.º ano nas escolas do município, para subsidiar o atendimento no Atendimento Educacional Especializado (AEE). |
|---|

Fonte: Curitiba, 2015.

Assim, notamos que as perspectivas de transição entre Brasília e Curitiba destacam preocupações e abordagens similares em relação às transições escolares. Tanto na capital federal quanto na cidade paranaense, reconhece-se que a trajetória educacional dos estudantes está intimamente ligada ao seu desenvolvimento emocional, social e cultural. Essa compreensão ampla é fundamental para facilitar transições significativas e suaves, que não apenas preparem os estudantes para os desafios acadêmicos, mas também os fortaleçam como indivíduos integrados em suas comunidades e na sociedade na totalidade.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho busca compreender como as transições escolares se manifestam e impactam as emoções e a aprendizagem dos estudantes. Para alcançar esse objetivo, será empregada uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada na perspectiva sócio-histórica, que é essencial para entender as significações – os significados construídos pelos sujeitos em relação à realidade na qual atuam.

A perspectiva sócio-histórica, utilizando o método histórico-dialético, permite apreender as transformações e continuidades no desenvolvimento dos estudantes durante as transições escolares. Essa abordagem capta as dinâmicas e contradições presentes nesse processo, oferecendo uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos estudados. A análise e interpretação dos dados serão realizadas por meio da proposta dos núcleos de significação e sentidos, uma metodologia qualitativa que busca compreender como os participantes de uma pesquisa constrói significados em relação a um tema específico. Essa abordagem é especialmente útil para explorar aspectos subjetivos e complexos das experiências humanas, como sentimentos, percepções e relações sociais.

Conforme afirmam Aguiar e Ozella (2006, p. 224), "[...] indivíduo e sociedade não mantêm uma relação isomórfica entre si, mas uma relação em que um constitui o outro". Essa visão destaca a necessidade de compreender como as relações sociais impactam as emoções e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem das crianças nos períodos de transição.

Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 61) enfatizam, ainda, que os significados são histórica e socialmente determinados, afirmando que "eles contêm mais do que aparentam". Portanto, os significados de uma palavra não se reduzem apenas à dimensão linguística do pensamento ou à dimensão intelectual da fala. É fundamental considerar o contexto histórico e social para entender plenamente os significados atribuídos pelos estudantes às suas experiências escolares. Contudo, ainda de acordo com Aguiar, Soares e Machado (2015, p. 61),

Ao voltarmos à discussão sobre a proposta metodológica dos núcleos de significação, nossa intenção consiste não apenas em fixar-nos sobre os elementos de suas etapas (pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação), mas também compreender a dimensão histórico-dialética do método que fundamenta seus procedimentos e, nesse processo, tecer algumas considerações críticas necessárias a uma explicitação mais rigorosa de aspectos entendidos como essenciais [...].

Esse aprofundamento metodológico permitirá uma análise mais precisa das experiências dos estudantes, destacando como as transições escolares influenciam seu desenvolvimento integral. A metodologia dos núcleos de significação, fundamentada na perspectiva sócio-histórica, fornece uma ferramenta robusta para investigar as complexas interações entre emoções, aprendizagens e contextos sociais durante os processos de transição escolar.

A utilização dos núcleos de significação como abordagem metodológica requer uma sequência de passos específicos para garantir a profundidade e a precisão na análise dos dados. Esses passos incluem a identificação dos pré-indicadores, a formação dos indicadores e a construção dos próprios núcleos de significação. Cada etapa permite uma compreensão detalhada das experiências dos educandos, revelando como os significados são construídos e transformados no decorrer dos processos de transição.

Ao seguir esses procedimentos, podemos captar não apenas as emoções e percepções dos estudantes, mas também como essas experiências se conectam e moldam seu desenvolvimento emocional e acadêmico. Assim, a metodologia dos núcleos de significação, ancorada na perspectiva sócio-histórica, se mostra essencial para uma investigação abrangente e aprofundada das transições escolares,

oferecendo reflexões valiosas sobre o impacto dessas mudanças no desenvolvimento dos estudantes.

Para analisar os dados utilizando a metodologia dos núcleos de significação faz-se necessário seguir algumas etapas tais como:

a) Coleta de Dados: Nesta pesquisa, optamos pela coleta de dados através de uma atividade de produção textual. Essa atividade foi realizada durante nossa atuação no Programa de Residência Pedagógica em uma Escola Municipal na Zona Oeste de Manaus, com a turma do 5º ano. Nessa etapa, os estudantes elaboraram cartas endereçadas ao "Eu do futuro", nas quais falavam de suas expectativas em relação ao 6º ano.

A segunda parte da coleta de dados foi realizada com estudantes do 6º ano de uma Escola Estadual da mesma zona e cidade. Esses educandos escreveram cartas para o "Eu do passado", relatando as realidades vivenciadas na série atual. Para a análise, utilizamos um total de 30 cartas, sendo: 15 cartas do 5º ano e 15 cartas do 6º ano, selecionadas com base em critérios de legibilidade e pertinência com a temática da pesquisa. Acreditamos que essa técnica possibilita uma análise das determinações inseridas num processo dialético, entendidas como elementos constitutivos do sujeito, como mediações (Aguiar & Ozella, 2006, p. 225). Ou seja, essa técnica revela não apenas os sentimentos e expectativas dos estudantes, mas também como esses elementos se interconectam e formam a experiência escolar como um todo. A partir desse procedimento, construímos uma tabela que compara as expectativas dos estudantes antes de ingressarem no 6º ano com as realidades que eles vivenciam atualmente.

b) Leitura Flutuante: Após a coleta de dados, seguimos para a Leitura Flutuante, que consiste em uma primeira leitura dos dados coletados com o objetivo de obter uma visão geral, sem fazer anotações detalhadas. Essa etapa é fundamental para se familiarizar com o material e organizá-lo de maneira preliminar. Segundo Aguiar e Ozella (2006, p. 230), "essas leituras nos permitem destacar e organizar o que chamaríamos de **pré-indicadores** para a construção de núcleos futuros." Durante essa fase, buscamos identificar elementos iniciais que serão aprofundados nas etapas subsequentes da análise, pois,

A etapa referente ao levantamento de pré-indicadores consiste na identificação de palavras que já revelam indícios da forma de pensar,

sentir e agir do sujeito, que, como ser mediado pela história, se apropria das características de sua cultura e as converte em funções psicológicas (Aguiar; Soares; Machado, 2015, p. 61-62).

Na prática, a Leitura Flutuante nos possibilita identificar temas recorrentes, padrões de pensamento e expressões emocionais presentes nas cartas dos estudantes. Por exemplo, ao ler as cartas dos discentes do quinto ano, notamos uma frequência de termos relacionados à ansiedade, amizades, medos e curiosidades sobre o 6º ano. Da mesma forma, nas cartas dos estudantes do 6º ano, emergiram temas como os desafios enfrentados na nova realidade acadêmica e as adaptações necessárias durante a transição escolar.

Essa abordagem inicial, ainda sem aprofundamento detalhado, é crucial para estabelecer uma base sólida para a análise dos núcleos de significação. Ao reconhecer e organizar esses pré-indicadores, podemos direcionar nossas leituras subsequentes com maior clareza e foco, garantindo que a análise final seja robusta e bem fundamentada.

A Leitura Flutuante não apenas facilita a familiarização com os dados, mas também prepara o terreno para uma análise mais detalhada e significativa. É uma etapa preparatória que contribui para uma compreensão mais profunda e contextualizada das transições escolares vivenciadas pelos estudantes, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e valorizadas no processo de investigação.

c) Construção e Agrupamento de Unidades de Significado:

A análise qualitativa de dados em pesquisas sócias históricas exige uma abordagem detalhada e meticulosa para identificar os significados que emergem dos relatos dos participantes. Um dos métodos mais eficazes para essa análise é a construção e agrupamento de unidades de significado, que permitem uma compreensão profunda das experiências e emoções dos sujeitos envolvidos.

A primeira etapa do processo envolve uma leitura atenta dos textos, onde são identificados e sublinhados trechos que contenham significados importantes relacionados ao tema de pesquisa. É nessa fase que se começa a perceber os primeiros sinais de padrões e temas recorrentes. Aguiar e Ozella (2006, p. 230) destacam que,

[...] uma segunda leitura permitirá um processo de aglutinação dos pré-  
indicadores, seja pela similaridade, pela complementariedade ou pela

contraposição, de modo que nos levem a menor diversidade; já no caso dos indicadores, que nos permitam caminhar na direção dos possíveis núcleos de significação. Esses critérios para aglutinação não são necessariamente isolados entre si.

Após essa primeira identificação, o próximo passo é agrupar as unidades de significado que apresentam temas comuns. Esses grupos formam os núcleos de significação, conjuntos de ideias ou temas que se repetem nos dados e representam significados centrais. Essa fase é crucial, pois permite organizar as informações de maneira que facilite a análise e interpretação dos dados. Conforme Aguiar e Ozella (2006, p. 230), "estes seriam os conteúdos temáticos junto aos quais os indicadores adquirem algum significado [...] Esse momento já caracteriza uma fase do processo de análise."

Os núcleos resultantes desse processo devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, revelando suas emoções e determinantes constitutivas. É a partir desses núcleos que se pode compreender melhor as experiências dos participantes e as dinâmicas envolvidas em seu desenvolvimento. Aguiar e Ozella (2006, p. 231) afirmam que "os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem as suas determinações constitutivas." A construção e agrupamento de unidades de significado, utilizando os núcleos de significação, permite uma análise rica e profunda dos dados qualitativos. Esse método não só organiza os dados de maneira lógica e coerente, mas também revela os aspectos emocionais e constitutivos das experiências dos participantes, proporcionando uma compreensão integral e detalhada do tema pesquisado. A aplicação dessa metodologia é essencial para qualquer pesquisa que busque captar a complexidade das experiências humanas e suas significações.

d) Interpretação dos Núcleos:

A interpretação dos núcleos de significação é uma etapa essencial na análise qualitativa de dados, especialmente em pesquisas fundamentadas na perspectiva sócio-histórica<sup>3</sup>. Esse processo envolve não apenas a identificação dos temas centrais nos dados, mas também a compreensão desses temas dentro de seus contextos específicos, considerando as teorias pertinentes e os objetivos da pesquisa.

Inicialmente, é importante reconhecer que os núcleos de significação devem ser interpretados à luz do contexto em que os dados foram coletados. Isso significa

que cada unidade de significado deve ser analisada considerando o ambiente e as circunstâncias em que os sujeitos se encontram. Aguiar e Ozella (2006, p. 231) explicam que "em geral, esse procedimento explicitará semelhanças e/ou contradições que vão novamente revelar o movimento do sujeito. Tais contradições não necessariamente estão manifestas na aparência do discurso, sendo apreendidas a partir da análise do pesquisador". Assim, a interpretação deve ir além da superfície do discurso, buscando entender as nuances e os conflitos internos que podem estar presentes nas falas dos participantes.

Além do contexto imediato, a análise dos núcleos de significação deve ser feita à luz do contexto sócio-histórico e das teorias que sustentam a pesquisa. Isso proporciona uma visão mais completa e integrada dos dados, permitindo uma compreensão mais profunda das experiências e emoções dos sujeitos. Segundo Aguiar e Ozella (2006, p. 231), "nesse momento, temos a realização de um momento da análise mais complexo, completo e sintetizador, ou seja, quando os núcleos são integrados no seu movimento, analisados à luz do contexto do discurso em questão, à luz do contexto sócio-histórico, à luz da teoria". Essa integração é crucial para que a análise seja significativa e revele os verdadeiros sentidos das experiências relatadas pelos participantes.

A interpretação dos núcleos de significação, portanto, não é um processo linear ou simples. Envolve uma análise detalhada e contextualizada, que busca capturar as complexidades das experiências humanas. Ao fazer isso, o pesquisador pode identificar temas recorrentes, padrões emocionais e cognitivos, e até mesmo contradições internas que refletem o movimento e desenvolvimento dos sujeitos. Esse entendimento profundo permite uma apreciação mais rica e detalhada das significações, contribuindo para uma análise mais robusta e fundamentada.

Assim, à medida que avançamos para a terceira seção, nos debruçaremos sobre os resultados e discussões da pesquisa. Será um momento crucial para revelar como as transições escolares influenciam os estudantes, integrando os dados coletados com as análises teóricas apresentadas até aqui. Está próxima seção trará à tona as vozes dos estudantes, suas emoções e percepções, e como esses elementos se interconectam para moldar suas experiências escolares. A partir dessa análise, esperamos contribuir para uma compreensão mais profunda e significativa das transições escolares, e oferecer subsídios para práticas pedagógicas que apoiem de maneira mais efetiva o desenvolvimento integral dos estudantes.

### **3 NAVEGANDO AS ÁGUAS DA TRANSIÇÃO: RESULTADOS E REFLEXÕES SOBRE AS MUDANÇAS ESCOLARES**

Para compreender as experiências dos estudantes durante a transição para o 6º ano, focamos nos temas emergentes das cartas coletadas. Utilizando a construção de núcleos de significação como metodologia de análise, identificamos conjuntos de ideias centrais que se repetem nos dados, revelando aspectos fundamentais das vivências dos estudantes nesse período crítico.

Os núcleos de significação são fundamentais para analisar e interpretar os significados construídos pelos educandos em relação às suas experiências de transição. Esses núcleos permitem captar não apenas as emoções e percepções dos estudantes, mas também as dinâmicas e contradições presentes nesse processo, oferecendo uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos estudados.

A partir das análises das cartas, emergiram quatro indicadores principais que expressam de maneira significativa os relatos dos estudantes. Esses indicadores revelam as expectativas, ansiedades, desafios e adaptações enfrentadas pelos estudantes ao ingressarem no 6º ano. É importante destacar que, para preservar a identidade dos participantes, os nomes utilizados nesta pesquisa são fictícios e correspondem a personagens de histórias em quadrinhos. Essa escolha foi feita para garantir o anonimato dos estudantes enquanto se mantém a clareza dos relatos e análises.

Os quatro indicadores identificados são: amizade, convívio com os professores, volume de disciplinas e a adaptação ao novo ambiente escolar. Cada um desses indicadores será discutido detalhadamente nas seções subsequentes, com base nos relatos dos estudantes, visando uma compreensão holística das suas experiências e das implicações dessas transições em seu desenvolvimento emocional e acadêmico.

A seguir, apresentaremos a análise de cada um desses indicadores, utilizando exemplos concretos retirados das cartas dos estudantes. Essa abordagem nos permitirá ilustrar as diversas facetas das transições escolares, evidenciando como os educandos constroem significados em torno de suas experiências e como essas construções impactam suas emoções e aprendizagens.

### 3.1 As relações de amizade como redes de apoio na “nova” fase de desenvolvimento

As relações de amizade surgem como um suporte emocional significativo durante a transição escolar. No entanto a análise das cartas revela paradoxos significativos nas expectativas e realidades das relações de amizade durante o processo de transição. Os estudantes do 5º ano frequentemente expressam uma visão otimista sobre as novas amizades que o 6º ano promete trazer. Rosinha, por exemplo, mencionou: “[...] *Vou conhecer pessoas novas, novas amizades [...]*”. Essa expectativa reflete a crença na construção de novas conexões sociais como um aspecto positivo da transição.

Por outro lado, os alunos do 6º ano, que já vivenciaram essa mudança, relatam experiências mais complexas e, muitas vezes, dolorosas. Marina, ao refletir sobre a sua experiência, observou: “[...] *conheci novas pessoas, bons amigos. Perdi muitas pessoas que estavam sempre ao meu lado, me acolhendo e me ajudando*”. Esse relato destaca a perda de amizades antigas como um desafio significativo e uma fonte de tristeza durante a transição.

Xaveco, do 5º ano, também expressa uma preocupação similar, afirmando: “*tenho que fazer outros amigos e provavelmente vou perder todos meus outros amigos[...]*”. A ansiedade sobre a perda de amizades e a necessidade de formar novas relações evidencia a tensão entre o esperado e o real.

Esses paradoxos entre as expectativas de fazer novas amizades e as realidades da perda de amizades antigas ilustram a dialética presente na teoria de Vigotski. A transição escolar envolve uma tensão entre o idealizado e o vivido, onde as novas possibilidades de amizade são contrastadas com as experiências de perda e adaptação. Esse processo dialético, demonstra como os desafios e as expectativas interagem para moldar a experiência escolar dos estudantes, refletindo a complexidade das mediações sociais e emocionais que influenciam seu desenvolvimento.

De fato, as amizades desempenham um papel crucial no desenvolvimento emocional das crianças. “A amizade e o companheirismo, os profundos afetos e vínculos espirituais que unem os jovens nesse período não têm paralelo em nenhum outro período da vida humana” (Vigotski, 2003, p.96). Nesse contexto, observamos que a importância dos amigos vai além do apoio social imediato, ajudando as crianças a desenvolverem habilidades emocionais essenciais para as novas situações

escolares. Conforme afirma Facci (2004, p.71) “Por meio da comunicação pessoal com seus iguais, o adolescente forma os pontos de vista gerais sobre o mundo, sobre as relações entre as pessoas, sobre o próprio futuro e estrutura-se o sentido pessoal da vida.”

A comunicação e a interação com os pares permitem que as crianças explorem e consolidem suas ideias e sentimentos, construindo uma visão mais integrada de si mesmos e do ambiente em que vivem. Este processo é crucial para a formação de uma identidade sólida e para a adaptação a novas realidades escolares e sociais. O apoio dos amigos é, portanto, um componente essencial para a saúde emocional e para o desenvolvimento de habilidades sociais que serão úteis ao longo de toda a vida.

Durante a transição do 5º para o 6º ano, os estudantes enfrentam diversas mudanças, tanto acadêmicas quanto sociais. A presença de amigos oferece um espaço seguro para expressar preocupações, compartilhar vitórias e aprender a lidar com as perdas, como observado no relato de Marina. Esse suporte emocional é fundamental para que as crianças naveguem pelos novos desafios, promovendo um ambiente de segurança e confiança mútua.

Contudo, é importante considerar o paradoxo de que essa fase também pode ser emocionalmente dolorosa no que diz respeito às amizades. Algumas crianças expressam dificuldades em fazer novos amigos, enfrentando sentimentos de isolamento e insegurança. Mônica, por exemplo, relatou: *"Tô tendo muitos problemas com amizades, então vou me afastar de todo mundo"*. E a estudante Rosinha - expressou ainda, medo de não ser aceita, nas palavras dela ficou assim: *"[...] uma coisa que tenho medo é que não me aceitem lá e ser excluída[...]"*

Este tipo de situação destaca a complexidade das relações interpessoais durante a transição escolar, onde o apoio, mediação e a compreensão dos adultos são essenciais para ajudar os estudantes a superar essas dificuldades.

Compreender a relevância das amizades nesse período de transição permite que educadores e pais incentivem e valorizem essas relações, proporcionando condições para que os estudantes se sintam acolhidos e emocionalmente apoiados. A construção de um ambiente escolar que reconhece e promove o papel das amizades pode, portanto, facilitar a adaptação e o desenvolvimento integral dos estudantes durante essa fase crucial de suas vidas.

### 3.2 “Cada matéria tem um professor”: Volume de Disciplinas e o Despertar do Interesse

A transição para o 6º ano traz consigo uma série de novos desafios, entre eles, o aumento do número de disciplinas. Esta mudança gera uma preocupação constante entre os estudantes, que se sentem sobrecarregados com a necessidade de administrar o tempo e lidar com o estresse decorrente da intensificação da carga acadêmica. Conforme relatou a educanda Marina, “[...] cada uma matéria tem um professor, é muito corrido porque eles só têm um tempo de aula [...]”. Essa declaração reflete a dificuldade em se ajustar ao novo ritmo escolar, onde a fragmentação das disciplinas e a limitação de tempo com cada professor podem aumentar a sensação de urgência e pressão.

Além disso, a estudante Denise expressou suas dificuldades ao afirmar: “[...] o sexto ano é mais complicado, responsabilidades a mais, matérias a mais. Você ainda chora por não ter entendido as matérias [...]”. Essa fala ilustra como a multiplicidade de responsabilidades e o aumento do volume de conteúdo podem gerar sentimento de frustração e ansiedade, afetando diretamente o bem-estar emocional dos estudantes. Sobre esse aspecto relembramos a importância da mediação social que, segundo Facci (2004, p. 68) “[...] é uma mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Dessa forma, o conhecimento e as experiências advindas da prática social podem ser difundidos por todos e apropriados por cada um, por cada sujeito em particular.” Essa mediação é fundamental, pois permite que as experiências e conhecimentos adquiridos na prática social sejam difundidos e assimilados por todos os participantes desse processo.

No contexto das transições escolares, essa mediação assume um papel ainda mais relevante. Durante essas transições, os estudantes estão expostos a novos ambientes, professores e disciplinas, o que pode ser desafiador. No entanto, através da mediação adequada – por meio do apoio dos professores, das interações com os colegas e das experiências compartilhadas – os estudantes podem superar as dificuldades e integrar o novo conhecimento de forma significativa. A mediação, portanto, facilita a adaptação e o desenvolvimento acadêmico e emocional dos estudantes, permitindo que cada um se aproprie do conhecimento de maneira pessoal e significativa.

Esse processo de mediação é especialmente importante quando consideramos que, apesar das preocupações e ansiedades, a transição para o 6º ano também desperta curiosidade e interesse entre os estudantes em relação às novas disciplinas. Este aspecto positivo pode servir como um motivador para enfrentar os desafios da mudança. Os estudantes frequentemente manifestam entusiasmo em aprender novos conteúdos e explorar áreas de conhecimento até então desconhecidas para eles.

Como observa o estudante "Franjinha", do 5º ano: *"Eu sempre paro para pensar, como é que vai acontecer lá no 6º ano. A maior mudança é que eu vou trocar de escola e outras coisas. As matérias vão ter mais um grau de dificuldade e, no mínimo, acho que vou ter 10 ou 7 professores [...]"* A reflexão de "Franjinha" sobre as mudanças que o aguardam no 6º ano revela uma curiosidade natural e um desejo de entender o que está por vir. Esse interesse pode ser extremamente benéfico para o processo de aprendizagem, pois, conforme Vigotski (2003, p.132), "toda aprendizagem só é possível à medida que se basear no próprio interesse da criança" A introdução de novas matérias, embora possa inicialmente parecer desafiadora, também oferece oportunidades valiosas para descobertas pessoais e acadêmicas significativas.

Este desejo de aprender pode ser nutrido por professores que incentivam a exploração e a criatividade, transformando o potencial estresse da transição em uma oportunidade para crescimento e desenvolvimento. Quando os educadores promovem um ambiente que valoriza a curiosidade e encoraja os estudantes a fazer perguntas e a buscar conhecimento, eles ajudam a transformar as ansiedades iniciais em motivação e entusiasmo para o aprendizado contínuo.

Como observa Vigotski (2003, p.132), "o professor tem um novo e importante papel. Ele tem de se transformar em organizador do ambiente social, que é o único fator educativo". Isso significa que o professor deve criar um ambiente de aprendizado que estimule a interação social e a colaboração, permitindo que os estudantes se sintam seguros e confiantes para explorar novos conhecimentos.

Assim, a transição escolar não apenas desafia os discentes, mas também os capacita a explorar essas inquietações e novos horizontes acadêmicos e pessoais. Quando os professores acolhem essas inquietações e transformam o ambiente escolar em um espaço de descoberta, eles não apenas aliviam a ansiedade dos educandos, mas também promovem um desenvolvimento mais profundo e significativo. Dessa forma, a transição escolar se torna uma oportunidade para que os estudantes cresçam e se desenvolvam ainda mais em suas vivências.

### 3.3 Convívio com os professores – expectativas e realidades

O convívio com novos professores também é um aspecto significativo da transição para o 6º ano. Os discentes frequentemente se deparam com expectativas e realidades que podem divergir consideravelmente. As expectativas iniciais de uma relação mais próxima e individualizada com os professores podem ser frustradas pela realidade de um ambiente mais impessoal e com menos tempo dedicado a cada educando. Segundo Facci (2004, p. 78), “[...] os educadores, de uma forma geral, precisam estar atentos às peculiaridades do desenvolvimento psíquico em diferentes etapas evolutivas, para que possam estabelecer estratégias que favoreçam a apropriação do conhecimento científico”.

Ao compreender essas peculiaridades, os educadores podem elaborar estratégias pedagógicas eficazes que facilitem a assimilação do conhecimento científico, tornando o processo de aprendizagem mais adequado e eficaz para cada etapa do desenvolvimento dos estudantes. Isso é crucial para apoiar o crescimento acadêmico e emocional, especialmente durante transições escolares.

Os estudantes relatam que, ao se depararem com múltiplos professores, cada um com seu próprio estilo de ensino e expectativas, enfrentam desafios adicionais para se adaptar. A educanda "Magali", do 5º ano, expressa essa dificuldade ao dizer: *"[...] está sendo muito difícil, o nosso professor é muito bravo, tomara que o 6º ano não seja tão difícil."* Essa fala evidencia a preocupação com a severidade de alguns professores e a esperança de que o próximo ano seja mais manejável.

Por outro lado, o estudante "Cebolinha", do 6º ano, oferece uma perspectiva mais variada sobre seus professores: *"[...] a maior parte dos professores tem sido legal, exceto a professora de artes[...] as melhores professoras são as professoras [...] de matemática e de [...] geografia."* O estudante "Quinzinho" relatou ainda que: *"[...] existem professores superlegais, outros chatos [...]."* Esses relatos mostram que, enquanto a presença de professores mais desafiadores pode inicialmente aumentar o estresse, a existência de professores com quem os alunos se sentem mais confortáveis contribui para uma experiência escolar mais equilibrada e positiva. Assim, a dialética entre dificuldades e suportes destaca a complexidade do processo de adaptação e a importância das relações interpessoais no contexto escolar.

Entendemos que a transição para o 6º ano, com a multiplicidade de professores e estilos de ensino, exige dos estudantes uma capacidade de adaptação significativa.

E de acordo com Vigotski (2003, p.197) “a adaptação ao ambiente pode implicar a mais dura luta contra seus diferentes elementos, denotando sempre inter-relações ativas com este. ” No contexto escolar, isso significa que os estudantes precisam ajustar-se a novos professores, matérias, e rotinas, o que pode ser difícil e gerar ansiedade. Entretanto, essas inter-relações ativas também oferecem oportunidades para crescimento e desenvolvimento pessoal.

Para mitigar os sentimentos negativos e promover um ajuste mais harmonioso, é crucial criar um ambiente de apoio. Professores e administradores escolares devem estar cientes das dificuldades enfrentadas pelos discentes durante esta transição e implementar estratégias que promovam um ambiente acolhedor e compreensivo. Isso inclui práticas pedagógicas que valorizem a empatia, a comunicação aberta e o suporte emocional, ajudando-os a se sentirem mais seguros e confiantes em seu novo ambiente escolar.

A tabela a seguir proporciona uma compreensão clara e sucinta das percepções dos educandos ao fazerem a transição do 5º para o 6º ano, destacando as diferenças entre o que os estudantes, em geral, esperam e o que de fato encontram no novo ambiente escolar:

*Tabela 02: Expectativas versus Realidades*

| <b>EXPECTATIVAS (5º ANO)</b>                    | <b>REALIDADES (6º ANO)</b>                   |
|---|--|
| <b>Fazer novos amigos</b>                       | Amizades são possíveis, mas exigem esforço   |
| <b>Professores amigáveis e acessíveis</b>       | Professores com diferentes estilos de ensino |
| <b>Diversidade de disciplinas interessantes</b> | Volume de disciplinas é desafiador           |
| <b>Curiosidade sobre novas matérias</b>         | Adaptação ao ritmo e exigências das matérias |
| <b>Ambiente escolar acolhedor</b>               | Ambiente mais estruturado e exigente         |

Fonte: Autoral

Essa análise destaca as diferenças entre as expectativas dos educandos e as realidades encontradas no novo ambiente escolar, oferecendo percepções valiosas para educadores e administradores no apoio à transição dos estudantes.

### 3.4 Adaptação ao novo ambiente escolar – Enfrentando os Desafios

A adaptação é um tema central nas cartas dos estudantes de ambas as séries, mas no 6º ano, aparece com mais intensidade. Eles expressam a necessidade de se ajustar às novas demandas acadêmicas e sociais, mencionando a complexidade em

equilibrar múltiplas disciplinas e novas responsabilidades. Como destacado pela estudante "Mônica": *"Eu tô tendo bastante dificuldade, não tô entendendo os assuntos direito [...] é um pouco difícil se acostumar com a escola integral, é bem cansativo"*.

Para Vigotski (1991), a adaptação social e acadêmica dos estudantes é mediada por signos e instrumentos que a sociedade oferece. Ele destaca que um dos aspectos essenciais do desenvolvimento é a crescente habilidade da criança em controlar e direcionar seu próprio comportamento, tornada possível pelo desenvolvimento de novas formas e funções psicológicas. Esse processo envolve o uso de signos, que permitem à criança internalizar os meios de adaptação social disponíveis na sociedade em geral (Vigotski, 1991, p. 83).

Essa visão de Vigotski contextualiza a experiência dos educandos, mostrando como as dificuldades relatadas nas cartas são parte de um processo maior de desenvolvimento. Ao se depararem com novas exigências e responsabilidades, os estudantes estão aprendendo a utilizar novos instrumentos psicológicos para se adaptarem ao ambiente escolar. A compreensão dessa dinâmica é crucial para educadores e pais, que podem oferecer suporte mais efetivo, ajudando as crianças a desenvolverem as habilidades necessárias para superar esses desafios.

#### *3.4.1 Ancorando o futuro: propostas pedagógicas para uma transição escolar mais acolhedora*

A transição escolar é comparável a uma jornada marítima, onde cada estudante, como um jovem marinheiro, enfrenta novos horizontes e desafios. Nessa seção da pesquisa, intitulada "Navegando as Águas da Transição: Resultados e Reflexões sobre as Mudanças Escolares", mergulhamos profundamente nas experiências, emoções e aprendizagens dos estudantes ao atravessarem as turbulentas águas da mudança para o 6º ano.

Apresentamos os resultados coletados das cartas dos estudantes, revelando como eles constroem significados em torno dessa fase crucial de suas vidas. Exploramos como a amizade serve como uma âncora emocional, proporcionando um porto seguro em meio às tempestades acadêmicas e sociais. A o impacto da fragmentação das disciplinas e a pressão do maior volume de conteúdo, e como isso gera sentimento de frustração e ansiedade.

Discutimos também a diversidade de estilos de ensino e expectativas, que desafia os estudantes a desenvolverem uma flexibilidade considerável. Destacamos

como o desejo de aprender pode ser nutrido por professores que incentivam a exploração e a criatividade, transformando o potencial estresse da transição em uma oportunidade para crescimento.

Finalmente, refletimos sobre o processo de adaptação dos discentes, à luz da teoria de Vigotski, que envolve a internalização de novos instrumentos psicológicos e a construção de estratégias para lidar com as novas demandas acadêmicas e sociais. Afirmando que, “[...] a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provoca transformações comportamentais e estabelece um elo de ligação entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual” (Vigotski, 1991, p.11). Esses signos, que incluem a linguagem, símbolos, normas e valores, são fundamentais para a mediação das interações sociais e o desenvolvimento cognitivo.

Vigotski argumenta que ao internalizar esses sistemas de signos, os indivíduos transformam suas formas de comportamento e pensamento, estabelecendo um elo entre as etapas iniciais e tardias do desenvolvimento. Isso significa que as crianças, ao interagirem com o ambiente social e cultural ao seu redor, absorvem e incorporam esses signos em suas atividades mentais. Esse processo de internalização é contínuo e dinâmico, influenciando o desenvolvimento desde a infância até a vida adulta. Assim, as transformações comportamentais resultantes dessa internalização mostram como o desenvolvimento individual é profundamente enraizado em contextos sociais e culturais, refletindo a interação constante entre o indivíduo e o ambiente ao longo do tempo.

Dessa forma, ao compreender essas facetas da transição escolar, esperamos contribuir para a criação de um ambiente de apoio que facilite essa navegação, ajudando os “jovens marinheiros” a chegar ao seu destino com segurança e confiança.

Para aprofundar nossa análise, apresentamos a **Tabela 03: Pontos Chaves, Impactos e Possíveis Ações**, que ilustra os principais desafios enfrentados pelos estudantes durante a transição escolar, conforme observados até aqui, e as ações pedagógicas sugeridas para mitigar esses desafios:

Tabela 03: Pontos Chaves, Impactos e Possíveis Ações

| Pontos Chaves                                     | Impactos   | Possíveis Ações  |
|---|--|--|
| <b>Comunicação e Interação com os Professores</b> | Dificuldades de adaptação e sentimento de impessoalidade | Treinamentos de comunicação e trocas de informações entre professores e estudantes |

|  |  |   |
|--|--|---|
| <b>Exploração de Interesses e Curiosidades</b>   | Motivação e engajamento no aprendizado         | Criação de grupos de interesse e feiras de conhecimento                                   |
| <b>Apoio dos Pais e Família</b>                  | Segurança emocional e apoio para desafios      | Sessões de orientação para pais sobre suporte educacional                                 |
| <b>Adaptação ao Ambiente Físico da Escola</b>    | Sentimentos de estranheza e desorientação      | Visitas guiadas e mapas interativos da escola, semana de integração dos novos estudantes. |
| <b>Desenvolvimento de Identidade e Autonomia</b> | Crescimento pessoal e capacidade de autogestão | Programas de desenvolvimento de habilidades socioemocionais                               |

Fonte: Autora.

Para tornar a experiência de transição para o 6º ano mais acolhedora e enriquecedora, é fundamental implementar ações pedagógicas direcionadas. Essas ações visam não apenas facilitar a adaptação dos estudantes, mas também promover um ambiente escolar mais integrado e acolhedor.

Primeiramente, a comunicação e interação com os professores são cruciais para a adaptação dos educandos ao novo ambiente escolar. Nesse sentido, treinamentos específicos podem ajudar os professores a desenvolver habilidades de comunicação mais eficazes e empáticas, promovendo um ambiente de sala de aula mais acolhedor. Esses treinamentos podem incluir técnicas informações construtivas e estratégias para facilitar a comunicação bidirecional, permitindo que os discentes expressem suas dúvidas e preocupações de maneira aberta.

Além disso, explorar interesses e curiosidades pode ser um grande motivador para os estudantes. A criação de grupos de interesse, como “clubes” de ciências, literatura, artes ou esportes, oferece aos educandos a oportunidade de se envolverem ativamente em áreas que os apaixonam. A organização de feiras de conhecimento, onde os escolares podem apresentar projetos e pesquisas, também estimula a curiosidade e o engajamento, promovendo um aprendizado mais profundo e significativo.

Paralelamente, o apoio dos pais e da família é fundamental para a segurança emocional dos estudantes durante a transição escolar. Sessões de orientação podem educar os pais sobre como melhor apoiar seus filhos, abordando temas como estratégias de estudo em casa, comunicação aberta e suporte emocional. Essas sessões fortalecem a parceria entre escola e família, criando uma rede de apoio consistente para todos os envolvidos no processo.

Ademais, a adaptação ao ambiente físico da escola pode ser desafiadora para os novos educandos. Visitas guiadas no início do ano letivo ajudam os estudantes a

se familiarizarem com a estrutura da escola, incluindo salas de aula, biblioteca, ginásio e áreas de lazer. Mapas interativos, disponíveis em formato físico e digital, podem ser recursos úteis para ajudar os estudantes a se orientarem, reduzindo a sensação de estranheza e desorientação.

Por fim, o desenvolvimento de identidade e autonomia é essencial durante a transição escolar. Programas de desenvolvimento de habilidades socioemocionais podem incluir atividades que promovem a autorreflexão, a tomada de decisões e a resolução de conflitos. Essas atividades ajudam os estudantes a se tornarem mais autônomos e confiantes, preparados para lidar com desafios de maneira eficaz. Técnicas como dinâmicas de grupo, oficinas de autoconhecimento e mentorias personalizadas são componentes valiosos desses programas.

Assim, entendemos que implementar essas novas ações pode enriquecer significativamente o processo de transição dos estudantes para o 6º ano. Ao focar em uma comunicação mais eficaz entre professores e educandos, estimular interesses individuais, fortalecer o apoio familiar, facilitar a adaptação ao ambiente físico da escola e promover o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, as escolas criam um ambiente acolhedor e propício ao crescimento e as interações sociais. Esses esforços coletivos contribuem para uma transição mais suave e bem-sucedida, preparando os estudantes para uma jornada acadêmica e pessoal enriquecedora.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao retomarmos o tema da pesquisa, é essencial lembrar que nosso objetivo geral foi analisar como as transições escolares impactam os estudantes do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental. Buscamos compreender as experiências desses estudantes durante essa fase crucial de suas trajetórias educacionais, com ênfase nas práticas pedagógicas e nas estratégias de apoio. Utilizamos uma abordagem qualitativa na perspectiva sócio histórica de núcleos de significação, permitindo uma compreensão aprofundada de suas vivências e emoções por meio da escrita de cartas pelos educandos. A pesquisa foi conduzida predominantemente em uma escola municipal em Manaus, com parte dela realizada em uma escola estadual.

Os resultados mais relevantes indicam que amizades, comunicação e interação com os professores, apoio familiar e adaptação ao ambiente escolar são fatores

cruciais que influenciam a transição escolar. Estudantes que recebem maior suporte emocional e pedagógico demonstram uma adaptação mais tranquila e uma experiência educacional mais enriquecedora. Conseguimos identificar os principais desafios enfrentados pelos educandos e sugerir ações pedagógicas específicas para mitigar esses desafios, respondendo adequadamente ao problema de pesquisa. Evidenciamos que práticas pedagógicas direcionadas podem facilitar a transição escolar e promover um ambiente mais acolhedor.

Os resultados desta pesquisa oferecem benefícios significativos para pesquisadores, educadores e a literatura acadêmica. Eles destacam a importância de abordagens pedagógicas holísticas que considerem o desenvolvimento emocional e acadêmico dos estudantes. Educadores podem utilizar essas descobertas para implementar estratégias que facilitem a transição escolar, promovendo um ambiente de aprendizado mais integrado e acolhedor. Para aprofundar o tema, sugerimos investigações adicionais que considerem a perspectiva dos pais e familiares, além de estudos longitudinais que acompanhem os discentes ao longo de suas trajetórias escolares. Novas abordagens podem incluir a análise de intervenções específicas e seus impactos a longo prazo no desenvolvimento acadêmico e emocional dos estudantes.

Entretanto, apesar dos resultados positivos, o estudo apresenta algumas limitações, como o foco em um número limitado de escolas e a análise qualitativa que pode não capturar todas as nuances das experiências dos estudantes. Futuras pesquisas podem explorar uma amostra mais ampla e diversificada, além de utilizar outros métodos para complementar os achados qualitativos.

Em suma, este estudo contribui para a compreensão das transições escolares e oferece reflexões valiosas para a melhoria das práticas pedagógicas. Nosso objetivo é apoiar integralmente o desenvolvimento dos estudantes durante essas fases de mudança. Entender e apoiar os educandos nesse momento de "ser grande demais" e "pequeno demais" é fundamental para promover um ambiente escolar mais sensível e eficaz, capaz de lidar com as complexidades emocionais e cognitivas que caracterizam essas transições.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 155, p. 56-75, jan./mar. 2015.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. *\*Psicologia: Ciência e Profissão\**, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.

AMAZONAS. Referencial Curricular Amazonense, 2019. Disponível em: <<https://www.sabermais.am.gov.br/pagina/jornada-pedagogica-2020-referencial-curricular>> Acesso: 10/06/2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. Dispõe sobre a organização da educação básica, nos termos do art. 23 da Constituição Federal e da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com ênfase no § 2º do Art. 18. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE). Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm#:~:text=e%20ao%20adolescente,-.Art.,e%20um%20anos%20de%20idade](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=e%20ao%20adolescente,-.Art.,e%20um%20anos%20de%20idade). Acesso em: 01 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, 2018. CURITIBA, Secretaria do Estado de Educação do Paraná; Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. **Ensino Fundamental**: Proposições para a Transição do 5º para o 6º Ano no Município de Curitiba. Curitiba-PR, 2015.

DICIONÁRIO HOUAISS da Língua Portuguesa Online. Significado da palavra "transição". Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-2/html/index.php#2](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#2). Acesso em: março de 2024.

DISTRITO FEDERAL. **Caderno de Transição Escolar**: trajetórias na educação básica no Distrito Federal / Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Subsecretaria de Educação Básica / Brasília, DF : Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, 2021.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Guia para acolhimento à comunidade escolar no contexto de atividades pedagógicas não presenciais. Brasília: [Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal], 2020b. Disponível em: [http://www.educacao.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2018/01/recomendacao\\_guia\\_acolhimento\\_comunidade\\_escolar.pdf](http://www.educacao.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2018/01/recomendacao_guia_acolhimento_comunidade_escolar.pdf). Acesso em: 06 maio. 2024.

FACCI, M. G. D. (2004). A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. \*Cadernos CEDES\*, 24(62), 64-81. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 jun. 2024.

KOSHINO, Ila Leão Ayres. Vigotski: desenvolvimento do adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

Disponível em: [Sistema Nou-Rau: Biblioteca Digital da UEL](#). Acesso em: 10 maio. 2024.

LA TAILLE, Yves de; Oliveira, Marta Kohl de; Dantas, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 2019. Recurso digital.

SNYDERS, G. Alunos felizes. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

VIGOTSKI, L. S. (1991). **A formação social da mente** (4ª ed.). São Paulo, SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Tradução de Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

## APÊNDICES

Olá eu sou do 6º ano mais estou no 5º ano aqui no 5º ano está sendo muito difícil o nosso professor é muito bravo tomara que o 6º ano não seja tão difícil. Minha tia já passou pelo 6º ano agora ela tá no 3º ano de ensino fundamental e também eu do 5º ano quero que você do 6º ano siga em frente estudando tenha notas boas se orgulhe não desista porque você vai conseguir. Igual eu estou seguindo estudando.

divertir mais e ou conhecer pessoas diferentes novas e amigas de uma coisa que eu tenho medo e que não me aceitam lá e ser incluído, um dia que minha melhor amiga vai estudar na mesma escola isso me alivia mais mas eu acho que lá vai ser legal mais aventurar mais esportes e aprender coisas que eu queria saber como sair quadrado mais eu não queria me mudar de **Escola** eu já me adaptei o mais dar graças mais e ou gostar de fazer amizade e vai ser bem legal.

Oi eu do 6<sup>o</sup> eu espero que eu esteja indo bem no escola e também fazendo muitos amigos eu queria te perguntar se a escola nova é grande e se o professor é legal e se ele é chato, agora eu queria saber como é a minha letra então escreva como tá a minha letra então escreva uma frase aqui

também queria saber se os trabalhos são difíceis ou fáceis e se a escola é grande ou se ela é pequena e se alguns dos meus amigos estão na minha escola agora é minha vez de falar como tá indo do 5<sup>o</sup> eu tá indo muito bem no escola aqui eu tenho muitos amigos e o professor ele pega no meu pé de todo mundo mas é pro nos ajudar ele também ele também briga com os gente mas ele sempre tá certo eu não falo nada porque ele é chato e porque ele é um ótimo professor e eu também queria falar que os trabalhos são fáceis

Oi eu do 6º ano

Eu sempre quero prova pensar, como  
 e que vai acontecer lá no 6º ano, por  
 exemplo a minha mudança e que eu  
 vou ter que de escola e outras coisas,  
 as matérias vão ter mais um nível  
 de dificuldade e, no mínimo acho que  
 vou ter 5 ou 7 professores tendo  
 que fazer outras amigos e provavelmente  
 vou perder todas meus velhos  
 amigos. Mas a principal coisa que  
 sempre fico pensando qual vai  
 ser os novos temas que vão ser  
 abordados vou ser difícil? Ou será  
 um pouco mais coisas boas  
 para o 6º ano.

Bom, finalmente aprendi divisão,  
 porque no ano passado você não sabi-  
 a nada. O sexto ano é mais compli-  
 cado, responsabilidades e mais materi-  
 as a mais. Você ainda chora por não  
 ter entendido as matérias e principalm-  
 ente matemática, você continua péssima,  
 mas tá melhorando. a professora  
 replece muito bem. Não abandone de  
 sua antiga escola mais tá tentando  
 se integrar, e se adaptar ao integ-  
 ral e a nova rotina.  
 Espera fazer amizades e aprender  
 cada dia mais com seus profess-  
 ores novos.  
 nas outras matérias você é neutra  
 sabe, mas precisa aprender muito  
 ainda.  
 você começou a finalmente enten-  
 der que ciclos se encerram e que  
 era um começar você precisa enc-  
 errar alguns.  
 tente se integrar, dê o seu melhor!  
 sei que vai conseguir se tornar a  
 Arquitecta que sempre quis e quer.

Bom, o 6º ano não é fácil, é bem complicado, e não só a escola a vida também.

Eu tô tendo bastante dificuldade, não tô entendendo os assuntos direito, antes eu só tirava nota boa, era uma das melhores da sala e agora nem os assuntos eu entendo. Continuo péssima em português, matemática até que eu tô bem, mas o último assunto eu não entendi, geografia não entendo praticamente nada, ciências também, história na mesma coisa, tô ótima em inglês e as outras matérias estão indo, não tão bem assim mas tá bem.

É um pouco difícil se acostumar com a escola integral é bem cansativo também.

Tô tendo muitos problemas com amizades então eu vou me alistar de todo mundo.

Olá meu eu do passado, sabe está sendo o 6º ano? Pois é vou te contar tudo o que ~~está~~ está acontecendo.

Bom eu fiquei um pouco triste por que eu não tinha me acostumado com o 6º ano e muito difícil e por as matérias e os professores mais à vista e assim.

Eu tinha muitas dúvidas no 5º ano, mas agora eu melhorei as professoras explicam tudo direitinho para a gente aprender e sabe cada uma matéria tem um professor, e muito corrido por que eles só tem 1 tempo de aula mas conseguem explicar, sabe eu aprendi uma coisa muito incrível eu aprendi sobre o tangram numa feira de matemática foi muito legal e foi isso que eu aprendi no 6º ano no 5º ano também foi difícil mais no 6º ano também e~.

Bem para começar acho que continuei inteligente bem consigo que quando eu tinha sua idade tinha medo das matérias pois achava que seria bem difícil, mas a verdade é que o 6º ano tá no mesmo nível de dificuldade do 5º eu até mais fácil entres o medo que você está sentindo você não precisa sentir realmente tem sido um ano tranquilo em que eu não estou tendo dificuldade em nenhuma matéria sobre meu comportamento acho que estou indo bem só tomei uma advertência, mas eu espero ser a 1ª e última mas nunca tomei licença de nenhum professor, sobre o comida da escola realmente faz parecer a do rutina o melhor do mundo.

Sobre o horário o gente entra 07:00 e sai 16:00 é um dia de problemas prescrição e da Rutina entrar 13:00 e sair 17:00 e eu não vou mentir prefiro a Rutina na escola tem sido ok por dizer o mínimo a maior parte dos professores tem sido legal exceto o professor de artes e muito recentemente vou lembrar uma ironia se a pessoa que ler isso for do escola e uma dica o tempo de descanso para dormir por que você vai chorar muito quando em casa realmente não é os mil maravilhas mas até que é ser o os melhores professores são o professor Amparo de matemática e a tina de geografia.